

**A GÍRIA E SUAS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS:
UMA ANÁLISE DAS GÍRIAS DE UM GRUPO
DE JOVENS FUNKEIROS DE SÃO PAULO**

João Soares Rampi (UEMS)

joao.rampi@gmail.com.br

Raul Silvestre Benitez Aguilera (UEMS)

raulabaguilera@gmail.com

RESUMO

O presente artigo visa analisar o que as gírias podem revelar do comportamento de alguns grupos sociais e de que maneira elas se manifestam a partir da narrativa. Utilizaremos alguns conceitos da sociolinguística para compreender de que maneira as gírias são utilizadas para representar situações, opiniões e comportamentos sociais e linguísticos nos fragmentos analisados. O artigo ainda apresenta reflexões acerca do uso das gírias, apresentando o olhar de alguns teóricos que tratam da variação e mudança linguística, além de discutir aspectos relacionados à compreensão das gírias como dialeto sociocultural, conclui que as gírias, assim como qualquer variação em uma língua, desempenham papel relevante para a mudança e renovação de seu léxico. O presente artigo buscou, portanto, desenvolver estes tópicos como forma de garantir a esta variante um lugar adequado nos estudos sociolinguísticos, a fim de transpassar os preconceitos que envolvem a temática, para situar as gírias como objeto de estudo farto de possibilidades de pesquisas sérias e comprometidas com fenômenos culturais locais.

Palavras-chave:

Gírias. Sociolinguística. Língua portuguesa.

ABSTRACT

This paper aims to analyze what slang can reveal about the behavior of some social groups and how they manifest themselves in the narrative. We will use some concepts of sociolinguistics to understand how slang is used to represent situations, opinions and social and linguistic behavior in the analyzed fragments. The article also presents reflections on the use of slang, presenting the view of some theorists who deal with variation and linguistic change, besides discussing some aspects related to the understanding of slang as a sociocultural dialect, concluding that slang, as well as any variation in a language, play a relevant role in the change and renewal of its lexicon. The present article sought, therefore, to develop these topics as a way to ensure this variant a proper place in sociolinguistic studies, in order to overcome the prejudices surrounding the theme, to situate slang as an object of study full of possibilities for serious research and committed to national cultural phenomena.

Keywords:

Slang. Sociolinguistics. Portuguese language.

1. Introdução

Um dos componentes que apresentam as mudanças sociais na linguagem é o léxico, por sua função direta de nomear e significar pessoas, objetos e elementos que usamos na fala e escrita. Diante disso, ele reflete as mudanças mais diretas que ocorrem na comunicação da sociedade, registrando as mudanças e transformações sociais no campo linguístico, capazes de localizar a gíria como um objeto de análise proveitoso para este presente artigo.

No histórico de análise deste objeto de estudo, vários trabalhos apresentam a gíria em seu viés de formação, com atenção ao preconceito quando comparada a modalidades formais dos campos sociais e linguísticos. Os preconceitos gerados podem ocorrer em virtude de a gíria ser uma forma comunicativa que pode restringir seu acesso a grupos sociais e meios de comunicação específicos. Com essas características, em sua essência, as gírias podem não ser acessadas por uma gama de pessoas, tornando difícil seu entendimento e compreensão.

No estudo aqui apresentado, destaca-se a verificação da presença da gíria, em grupos em evidência. O objetivo é a verificação da presença destas gírias em publicações digitais que destaquem a gíria como forma de expressão de grupos, onde o vocabulário se torna um elemento passível de análise sociolinguística, para na sequência ser analisada e comparada dentro das características usuais em que a gíria se apresenta. Buscou-se saber se as gírias estão presentes nesses textos e, em caso afirmativo, como se manifestam em relação ao seu equivalente formal.

Desde criança o sujeito aprende a utilizar as gírias em seu cotidiano como ferramenta facilitadora do processo de comunicação, auxiliando no desenvolvimento da interpretação de expressões que devem ser entendidas em contextos e sentidos figurados e nem sempre de forma literal. Seu advento surge em manifestações sociais diversas, algumas vezes em grupos fechados em “nichos” específicos, deixando muitas pessoas sem uma compreensão clara. Isso ocorre devido a informalidade e facilidade em que as gírias são criadas em certos meios. Esse tipo de comunicação, que produz gírias, não se detém em compromissos formais de comunicação, e sim, em cumprir uma necessidade de facilitar essa linguagem em situações e ambientes próprios.

Uma forma comum de surgimento das gírias é por meio dos modismos, que surgem em meios de comunicação como rádio, tv e internet, sendo estes os principais, devido ao amplo alcance que estes veículos a-

tingem, colocando a gíria em encontro de várias faixas sociais e propagando, assim, de forma mais rápida e efetiva, sua criação e disseminação entre os grupos.

Muitas pessoas não familiarizadas, e não pertencentes a grupos que utilizam frequentemente as gírias, tendem a sentir dificuldade de compreensão em uma conversa informal, fazendo com que a gíria tenha um papel oposto de facilitador na comunicação. As gírias também refletem o comportamento de determinados grupos sociais e como eles verificam sua identidade. A gíria pode ser considerada uma forma de falar derivada de outras já existentes, fazendo parte dos estudos de variação linguística, mas é importante diferenciá-las de outros estudos nesta área, como é o caso do jargão, região, fala etc. Valadares (2011) explica que:

Isso provoca uma generalização deste conceito, ocasionando certa confusão nos usuários da língua. Entretanto, conforme observado nos verbetes dos dicionários, as gírias são espécies de “códigos secretos” para um determinado grupo manter interações. Nesse sentido, há uma grande diferença entre gírias e regionalismos, por exemplo, uma vez que estes estão demarcados por regiões linguístico-geográficas e aquelas não. [...]. Evidentemente, uma gíria pode também ser um regionalismo, não há impedimento; contudo, os sentidos construídos e os objetivos do seu uso, com certeza, serão diferentes. (VALADARES, 2011, p. 30-1)

Em relação à gíria não se analisa apenas o significado, mas também o seu papel na definição das identidades daqueles que utilizam. A gíria pode ser diferente para diferentes grupos sociais, havendo uma multiplicidade de abordagens para tais variações e são muitos os possíveis elementos que a causam.

Sabemos que uma língua carrega consigo o fardo histórico e social das pessoas que a utilizam. Consequentemente, é muito importante entender o comportamento associado aos falantes deste “nicho”. As variações linguísticas revelam características da identidade social das pessoas o acesso à educação, ou a ausência desta, reflete não só na linguagem, mas também no comportamento do indivíduo que se comunica neste recorte. Outro fato importante em relação ao estudo das gírias é que uma acaba substituindo a outra, ou seja, para cada gíria criada com um intuito, outra acaba caindo em desuso. Segundo Preti (2006):

[...] desafio dos pesquisadores do assunto reside na *gíria comum*, isto é, na descaracterização do signo grupal e a consequente dispersão desses vocábulos na linguagem comum, nos mais variados contextos e situações de comunicação. Alguns linguistas mais ortodoxos chegam a negar a esses vocábulos, nesse estágio. (PRETI, 2006, p. 246)

Muito além dos fatores já citados, o olhar diferenciado sendo colocado como preconceito, linguístico e/ou social, pode ficar clara em relação aos tratamentos que usuários de gírias recebem em alguns casos. No dicionário Houaiss (2001), gíria, em sua primeira acepção, significa “uma linguagem informal caracterizada por um vocabulário rico em idiomatismos metafóricos, jocosos, elípticos, ágeis e mais efêmeros que os da língua tradicional” (p. 1453). O dicionário Aurélio (1999) a traz, em sua primeira acepção, como “linguagem de malfeitores, malandros etc., com a qual procuram não ser entendidos pelas outras pessoas” (p. 989). Destacamos que o Houaiss apresenta o conceito de gíria como linguagem de malfeitores em sua terceira acepção; diferentemente do Aurélio, que a coloca como primeira acepção e só apresenta a ideia de gíria como dialeto social, sem uma conotação pejorativa, em sua terceira acepção.

2. Apresentação teórico-conceitual

Partindo da necessidade de uma sistematização sobre os efeitos do uso das gírias em nossa sociedade e como ela se manifesta nos textos digitais, e considerando o aspecto heterogêneo das línguas, este artigo, utilizando a metodologia de revisão bibliográfica, propõe uma reflexão sobre as variações linguísticas conhecidas como gírias (PRETI, 1984, 2006), através das definições de gíria de alguns dicionários de Língua Portuguesa (HOUAISS, 2009; AURELIO, 1999). Também serão analisadas as teorias de alguns estudiosos sobre o fenômeno do preconceito linguístico (BAGNO, 1999; 2007), em relação às variedades de língua que fogem à regra imposta pela norma culta e padrão (BAGNO, 2007; BORTONI-RICARDO 2004).

Em colocações de Preti (1984), o surgimento de gírias como um acontecimento único é consequência de acontecimentos sociais e, ao mesmo tempo, linguísticos, necessários e essenciais as linguagens como as conhecemos. O autor ainda coloca que ela é, em parte, caracterizada pela sua diferença no vocabulário, ou seja, o fato dela ser diferente dos vocabulários conhecidos a torna o fenômeno que se apresenta em sua forma de ser. Com isso, ela se torna uma comunicação muitas vezes restrita a um grupo, sendo um grupo de signos usados dentro de determinado círculo social. O autor destaca que na maioria das vezes o sentimento de pertencimento de um grupo se apresenta com o uso de gírias e como elas podem ser um elemento de união desse grupo social, serve para além de um elemento comunicador, mas também promove a autoafirmação, devido ao fato da gíria ser um diferencial social. Preti (2006) afirma que:

[...] quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. Mas, por outro lado, historicamente, são os mesmos motivos de preservação e segurança que fizeram com que comerciantes ambulantes, mascates, na Idade Média, criassem seus próprios códigos secretos de identificação. E essa gíria da marginalidade e do comércio se mistura também à de um povo surgido na Índia, historicamente discriminado, os ciganos, que, com sua vida nômade, espalharam seu vocabulário em várias áreas da Europa e, posteriormente, da América. (PRETI, 2006, p. 242)

A gíria se apresenta ao lado de palavras comuns em nossa língua. Existem palavras que até podem ser consideradas gírias, pois são usadas dentro de um certo elitismo social, em ambientes definidos, sendo que seu uso e suas variações dependem desde o grau social até escolaridade, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004):

[...] esses fatores representam os atributos de um falante: sua idade, sexo, seu status socioeconômico, nível de escolarização, etc. podemos dizer que esses atributos são estruturais, isto é, fazem parte da própria individualidade do falante. Há outros fatores que não são estruturais, mas sim funcionais, resultam da dinâmica das interações sociais. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 49)

Ainda para o linguista (PRETI, 2006, p. 241), “(...) a ausência da gíria nos textos escritos ou, pelo menos, a sua presença muito restrita neles, serviu para reforçar a ideia do baixo prestígio social desse vocabulário”. Ele também destaca que, em sentido *lato*, ela é “o conjunto de termos que, provenientes das diversas gírias em sentido estrito, se generalizam e assinalam o estilo na linguagem coloquial popular”.

O linguista (PRETI, 1984, p. 4) também afirma que “ao vulgarizar-se para a grande comunidade assumindo a forma de uma gíria comum, de uso geral e não diferenciado, a gíria perde-se dentro dos amplos limites de um dialeto social popular, deixando de ser signo grupal”.

Além disso, a gíria se incorporou a algumas variedades de registros e dialetos sociais, podendo-se, hoje, à luz das teorias, justificá-la plenamente, até na conversação e nos escritos de falantes conhecedoras da língua em sua norma culta. Com isso, observamos uma espécie de “redimensionamento” do conceito de gírias, de seu uso e de sua aceitação, ainda de acordo com Preti (2006):

[...] Sua crescente aceitação dentro da cultura de massa e seu ingresso na *norma linguística da mídia*, nos casos de vocábulos que já perderam sua significação secreta de grupo, misturando-se à linguagem comum, favore-

ceu decisivamente a atenuação do preconceito. Pode-se dizer que foi, historicamente, um processo natural, decorrente da transformação de valores que marca as últimas décadas do século XX. (PRETI, 2006, p. 248)

No Brasil a gíria se incorporou no modo de falar de uma grande parte dos brasileiros, isso devido à grande influência das variações linguísticas que sofre o português brasileiro, possui um grande campo de estudo destas variações, entre elas a gíria, e com isso já são vários trabalhos sobre essas variantes, tentando explicar os fatores que as influenciam. Um dos fatores são a geografia e as disparidades sociais existentes no país. Podemos citar as diversas influências estrangeiras que ajudaram a fundar o país. Ainda temos a história das formações urbanas no país, os êxodos rurais que criaram grandes cidades, com esses elementos ficou evidente essa grande variação linguística o que destacou uma diferença já existente, representado de um lado pela norma culta da língua, através da escola e classes sociais mais favorecidas, e do outro lado as variantes linguísticas de menor prestígio, utilizadas pelas classes sociais menos favorecidas. Sobre essa questão Bortoni-Ricardo (2004) fala:

Assim, as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada tem de intrinsecamente superior as demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34)

Ainda apresentando a gíria como fruto da variação linguística presente em nossa sociedade, colocamos a sociolinguística como ciência que tem grande força nesse contexto em pesquisa de variação linguística, pois a linguagem e sociedade estão ligadas e ambas se formam e se complementam, com isso afirma Bagno (2007):

Língua e sociedade estão indissolivelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. Para o sociolinguista, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada, assim como também outros estudiosos-sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais etc- já se convenceram que não dá para estudar a sociedade sem levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si por meio da linguagem. (BAGNO, 2007, p. 38)

A partir das considerações iniciais e da exposição teórico-conceitual, demonstraremos alguns exemplos de gírias já apresentadas nas escritas digitais de diversos meios sócias advindos da *internet*.

3. *Análise das gírias: os “maloqueiros”, de São Paulo*

As gírias como objeto de estudo devem ser trabalhadas com muita atenção, pois, como citado anteriormente, não se trata de uma variação linguística como os regionalismos. Para grupos desprivilegiados a gíria surge principalmente como uma rede de proteção, portanto, ao trabalhar com este tipo de variação linguística deve-se levar em conta a preservação e cuidado com os grupos sociais que as utilizam. Por este motivo, optamos por recolher conteúdos compartilhados espontaneamente em plataformas digitais, de livre acesso ao público.

Durante o processo de pesquisa deste artigo, observamos uma vasta gama de conteúdos sobre gírias em várias plataformas digitais, contudo, nem sempre os conteúdos são compartilhados por indivíduos pertencentes ao meio social de onde as gírias são remanescentes. Isto revela, como afirma Preti (2006), como as gírias vêm ganhando ampla apropriação pela cultura de massa, porém optamos por focar em indivíduos inseridos no meio social onde as gírias fluem efetivamente.

Visitamos a página *Love Funk TV*, disponível na plataforma de vídeos *YouTube*, cujo propósito, segundo a descrição na página, é promover o encontro de internautas com seus artistas favoritos do *funk* brasileiro, contudo, a página conta com um extenso conteúdo que compreende vários segmentos da cultura *funk*. Extraímos um fragmento da entrevista com jovens músicos de São Paulo, intitulada “Dicionário de Gírias de SP com Mc Rhamon e Mc Piedro”, publicada em setembro de 2020.

A cultura *funk* vem ganhando notoriedade na música Brasileira. O estilo musical que nasceu nas favelas do rio de janeiro em meados da década de 1980, ganhou espaço nas periferias de São Paulo e alcançou notoriedade mundial. Dentre os países que mais ouvem *funk* estão os Estados Unidos da América, Portugal, Argentina, Reino Unido e França.

O *funk* também surgiu como uma forma de ascensão social dos jovens periféricos, assim como esportes, tal qual o futebol, também ocupam lugares semelhantes. Embora ainda haja muito preconceito em relação ao teor das músicas, que abordam temas nada conservadores como sexo, uso de drogas e a criminalidade, o *funk* não cumpre apenas o papel de causar impacto aos seus ouvintes, como também reflete a realidade das comunidades periféricas de onde veio e garante um espaço na cultura brasileira.

O vídeo selecionado da página *Love Funk TV*, em formato de entrevista, mostrou-se promissor, pois o entrevistador mostra também per-

tencer ao grupo em questão. O fato de se tratar de um grupo de amigos tornou a entrevista mais fluida, com um tom nada engessado, embora as perguntas estejam pré-formuladas. O fragmento selecionado evidencia um campo fértil para a utilização espontânea das gírias:

Entrevistador: O que é “Larica”?

Interlocutor 1: [...] vai de quebrada pra quebrada, né?!

Interlocutor 2: Em alguns lugar é fome [...]

Interlocutor 1: Larica é quem come as parada aleatório, tá ligado? [...] Quando cê tá com larica cê come uns bagulho nada a ver.

Entrevistador: “Mandrake?”

Interlocutor 1: Mandrake tem que perguntar pro Paulinho, né? [...] Se perguntar o que é Mun-Rá, pirata, nós responde.

Entrevistador: O quê que é Mun-Rá, então? Manda um Mun-Rá então pra nós, o quê que é.

Interlocutor 2: Mun-Rá é Rhamon de trás pra frente (inaudível).

Entrevistador: Que viagem é essa mané?

Interlocutor 3: É gíria de malandro de trás pra frente.

Entrevistador: Cê é louco?! Ele mitou, viado!

Entrevistador: Perreco?

Interlocutor 2: Ah, pereço é os perrequeiro de plantão, né.

Interlocutor 1: Perreco é um assunto que não é construtivo pro maloqueiro, tá ligado? O bagulho que não é as verdade muito das vez.

Interlocutor 2: Uns bagulho que não convence.

Interlocutor 1: Irradiação negativa.

Entrevistador: resumindo: é mentira né?

Interlocutores 1 e 2: É. [...]

Entrevistador: Comédia?

Interlocutor 1: Comédia é quem faz o perreço, é quem não tem caráter, tá ligado? Quem não tem palavra, é mentiroso e apanha na cara.

[risos]

[...]

Entrevistador: Banca ou Bonde?

Interlocutor 2: Banca é quando tá [inaudível] só a família. Vários maloqueiro reunido, aí é a banca.

Entrevistador: Zé Polvinho?

Interlocutor 1: Zé polvinho é quem cuida da vida dos outros.

Interlocutor 3: Deixa de fazer a cota dela pra fazer a cota dos outros, né pai.

Entrevistador: Pousado?

Interlocutor 1: Tipo, quando cê sai, com um kit da hora e tudo mais, aí tem os pousado, que fica te medindo.

Interlocutor 2: Mas tem dois sentido. Nós também pode tá pousado numa mina. “Nossa a mina é mó gatona, pá.”

Um dos fatores que mais chama atenção nesta entrevista é a presença de gírias também nas respostas fornecidas. Como se trata de jovens que utilizam as gírias em seu cotidiano, a fluidez da entrevista possibilitou a observação da gíria em circulação.

Logo na primeira pergunta “O que é larica” temos no corpo das respostas a palavra “quebrada”, uma gíria associada à moradia ou espaços geográficos específicos, como bairros e cidades. Observa-se, aqui, a presença da gíria em seu uso real, cumprindo o seu papel de limitadora do sentido para grupos específicos, pois quem não domina esta variante não compreende muito bem a explicação dada, ainda que a intenção do grupo seja diversa.

Em seguida, a palavra “Mandrake” causa dúvidas nos jovens entrevistados, que demonstram não compreender muito bem do que se trata. Este é um ponto curioso da entrevista, pois os entrevistados aparentam pertencer a um grupo social desprivilegiado, observando-se a falta de domínio da norma padrão da língua, mesmo nos momentos em que precisam recorrer a palavras mais simples para dar conta das explicações

dos termos sugeridos. A não afinidade com o termo, que diz respeito ao estilo visual utilizado pelo grupo, abre margem para questões.

A jornalista Ana Flávia Marques, em matéria para a coluna *Vida&Art*, do jornal digital “O Povo”, explica o termo: “(...) Foi através do *TikTok* que o termo se popularizou, passando a atingir a moda, música e até a influenciar o estilo de vida de quem se considera *mandrake* ou *mandraka*, termo usado no feminino.”, ou seja, o termo tornou-se popular nas redes sociais e por este motivo é bem melhor conhecido dentro deste “nicho”, ainda que originalmente seja remanescente da periferia de São Paulo. Marques continua: “A palavra vem do inglês e se refere à *mandrágora*, uma planta que tem atributos afrodisíacos, alucinógenos, analgésicos e narcóticos. Já a gíria é usada para descrever alguém estiloso e que chama atenção dos outros ao seu redor.”. Temos aqui, portanto, um bom exemplo de uma gíria que rompeu as fronteiras dos grupos específicos que a utilizam.

Os entrevistados, na produção visual aqui trabalhada, referem-se uns aos outros como “*maloqueiros*”, e não como “*mandrakes*”, e solicitam ao entrevistador que procure outra pessoa para explicar o termo, possivelmente, uma pessoa que tem mais afinidade com os termos divulgados nas redes sociais.

A maioria das gírias selecionadas correspondem à realidade social do grupo em questão. As gírias “*Perreco*”; “*Comédia*”; “*Banca/Bonde*”, “*Zé Polvinho*” e “*Pousado*”, refletem o convívio social em ambientes periféricos. Ao empregar um olhar mais atento, podemos reconhecer que estas gírias trazem conceitos que marcam o comportamento social deste grupo: “*Perreco*” nos traz o conceito de integridade, sinceridade, pois tem a ver com situações em que o indivíduo se expõe a opiniões negativas, que podem estar relacionadas a mentiras. A gíria “*Comédia*”, de acordo com os entrevistados, é uma extensão do termo “*Perreco*”, pois se trata do indivíduo que participa de tal exposição e que põe em jogo sua integridade.

A gíria “*Banca/Bonde*” carrega o conceito de união, família, pois se trata da nomenclatura utilizada para identificar os indivíduos do grupo específico ao qual pertencem. Vale ressaltar a importância de tornar verbal a identidade do grupo, desta forma, seus integrantes são capazes de despertar para conceitos de identidade e pertencimento social.

A gíria “*Zé Polvinho*” nos lembra conceitos como respeito, assim como “*Pousado*”, nos alerta para a atenção ao poder aquisitivo do indiví-

duo em questão, apontando para problemas socioeconômicos que são percebidos em situações reais, que fazem parte do cotidiano dos entrevistados.

Pudemos chegar a estes conceitos em virtude das preciosas contextualizações, feitas pelos entrevistados, que trouxeram os termos para suas realidades, já que a entrevista se deu em ambiente muito descontraído, entre amigos, entre o “bonde”. Para Tarallo “A narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativo, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma” (TARALLO, 2007, p. 23). A narrativa do grupo de jovens músicos de São Paulo foi, sem dúvidas, muito promissora por contar com a citada não preocupação com a forma.

As gírias, contudo, não pertencem apenas a ambientes juvenis, mas podem ser amplamente utilizadas como algo muito funcional para outros grupos, como é o caso dos agentes do tráfico.

Muitas gírias passam pela intencionalidade de não serem compreendidas, com o propósito de preservar a comunicação utilizada por outros grupos específicos. Como afirma Flavio Biasutti Valadares (2011), citando Preti, em seu artigo intitulado *Revisando a noção de gírias: do conceito à dicionarização*:

Nos termos de Preti (1984), o aparecimento da gíria como um fenômeno restrito é decorrente da dinâmica social e linguística inerente às línguas. Ainda é destacado pelo autor que ela é caracterizada como um vocabulário especial, sendo considerada um signo de grupo, a princípio secreto, de domínio exclusivo de uma comunidade social restrita. O linguista ressalta que, quanto maior for o sentimento de união que liga os membros do pequeno grupo, tanto mais a linguagem gíria servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de autoafirmação (VALADARES, 2011, p. 29)

Portanto, as gírias podem desempenhar a função de código para determinados grupos, assim como também podem funcionar como uma forma de reconhecer integrantes de grupos específicos, como forma de proteção.

A música “Artigo 157”, do grupo Racionais Mc’s, narra o episódio de um policial infiltrado na periferia, que possui um bom domínio das gírias para se infiltrar melhor entre os jovens. Os MC’s alertam para a desconfiança deste tipo de situação: “Eu só confio em mim, mais ninguém/Cê me entende? /Fala gíria bem até papagaio aprende (...)”. O poli-

cial é comparado a um papagaio, um animal capaz de memorizar e reproduzir sons sem a necessidade de utilizar processos cognitivos complexos. Daí a necessidade de restringir a comunicação em códigos para garantir a integridade de grupos tidos como marginais.

O episódio nos conta um pouco sobre a realidade social da periferia, amplamente abordada na letra da música, que faz menção ao artigo 157 do código penal, relacionado à ação de assaltar alguém. Assim como na entrevista trabalhada neste artigo, ambos são capazes de narrar, por meio das gírias, os problemas sociais que lhes cercam.

Este é um bom exemplo de como as gírias funcionam como rede de proteção e identificação de grupos. Além deste quesito, a gíria cumpre um papel importante em participar da identidade social de seus usuários, de maneira muito heterogênea, mas ao mesmo tempo fluida.

A entrevista com os jovens de São Paulo nos revela que esta variante não se trata apenas de um modismo, mas pertence a um contexto sociocultural vivo na realidade brasileira e merece respeito e notoriedade nos espaços acadêmicos, como objeto dotado de múltiplas abordagens.

3. Considerações finais

As gírias são conhecidas como um acontecimento da linguagem podendo ser utilizadas em diversas classes sociais e por indivíduos em variados contextos, indo além de questões como a classe e idade de seus usuários. Um aspecto importante desta variante linguística é seu poder de restringir o acesso a seus códigos de comunicação como forma de criar uma rede de proteção para grupos sociais que em sua maioria são desprivilegiados, periféricos. As gírias podem desempenhar muitas funções como as de revelar o comportamento social de grupos específicos e serem como identidade cultural destes falantes.

O presente artigo buscou, portanto, desenvolver estes tópicos como forma de garantir a esta variante um lugar adequado nos estudos sociolinguísticos, a fim de transpassar os preconceitos que envolvem a temática, para situar as gírias como objeto de estudo farto de possibilidades de pesquisas sérias e comprometidas com fenômenos culturais nacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I. M. *Neologismos: Criação Lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

- ALVES, I. M. *Neologismos: Criação Lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- BAGNO, Marcos. *Nada na Língua é por acaso*. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BORGES, Rebeca. *Confira em quais países o funk nacional é mais ouvido e os motivos*. Correio Braziliense. Brasília, 26 jun. 2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/06/26/interna_diversao_arte,690849/paises-em-que-o-funk-nacional-e-mais-ouvido.shtml. Acesso em: 08 jul. 2022.
- BORTONI-RICARDO, M. S. *Educação em Língua Materna: a sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- COELHO, I. L. *et ali. Sociolinguística*. Florianópolis-SC, 2012.
- COUTINHO, I de L. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1978.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 1998.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LOVE FUNK TV. *Dicionário de Gírias de SP com Mc Rhamon e Mc Pedro*. Youtube. 13 set. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1_fISxMxGyo. Acesso em: 08 jul. 2022.
- MARQUES, Ana Flávia. *Você é mandrake? Entenda a gíria que ganhou fama no tiktok*. O Povo. São Paulo, 01 jul. 2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/vidaearte/2021/07/01/voce-e-mandrake-entenda-a-giria-que-ganhou-fama-no-tiktok.html>. Acesso em: 08 de jul. 2022.
- PRETI, D. *A gíria e outros temas*. São Paulo: Edusp, 1984.
- _____. *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2006.
- _____. *Sociolinguística: os níveis de fala*. São Paulo: Nacional, 1974.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

VALADARES. Flávio Biasutti. Revisando a noção de gírias: do conceito à dicionarização. *Revista Eletrônica de Linguística*, v. 5, n. 1; 2011.